

O PAS E O BINÔMIO

UNIVERSIDADE-ENSINO MÉDIO

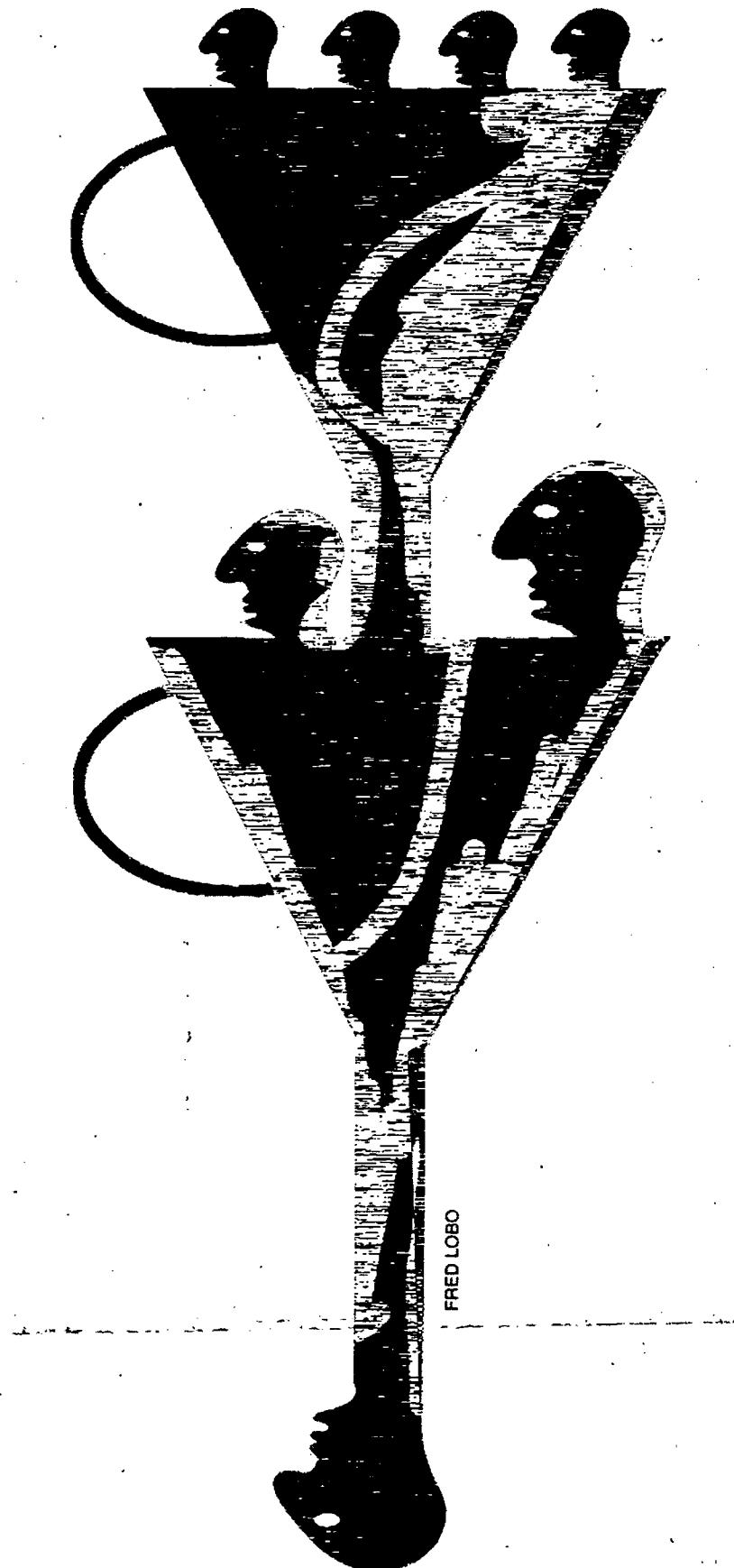
João Cláudio Todorov e
Denise de Aragão Costa Martins

A um mês da aplicação da prova do PAS, o Programa de Avaliação Seria para o ingresso na Universidade de Brasília, aos alunos da 1ª série do ensino médio, é praticamente inevitável proceder à avaliação do primeiro produto: o relacionamento entre a Universidade de Brasília e as escolas que aderiram ao programa.

O PAS fundamentou-se em alguns pressupostos filosóficos: o de combater os condicionamentos negativos do vestibular convencional sobre o processo pedagógico que se desenvolve nas três séries precedentes, por um lado; por outro, o de atender às necessidades de uma sociedade em que a informação está disponível cada vez mais rapidamente, exigente, portanto, de uma nova atitude pedagógica, que deve fazer expandir os limites do ensino livre e mecânico, até criar condições para a formação do indivíduo com capacidade de descrever, interpretar e explicar criticamente o mundo em que vive. Essa mudança de atitude jamais poderia constituir-se numa ruptura com o sistema de ensino. Deveria resultar da consciência plena dos pais, dos professores, dos administradores escolares e dos alunos a respeito da sua realidade social, que propiciaria a elaboração de caminhos próprios, à luz de metas próprias.

Por isso, desde março de 1995, a Universidade de Brasília procurou articular-se com a sociedade e com o sistema de ensino público e privado do Distrito Federal, a começar pela composição do grupo de trabalho que elaborou o projeto. Esse grupo pautou-se em um denominador comum — o interesse pela proposta pedagógica do PAS — e neutralizou suas aparentemente inconciliáveis diferenças individuais, de tal forma que o PAS, hoje, é um projeto de todas as instituições de ensino médio do DF. Seminários, fóruns, palestras, cursos, debates, cartas, telefonemas e até conversas informais nortearam, durante dois anos, as equipes que trabalharam com os conteúdos programáticos (os comitês de especialistas), constituídos de cinco professores indicados pela Fundação Educacional do Distrito Federal, cinco professores pertencentes aos quadros da rede particular, um professor do Colégio Militar de Brasília, além dos docentes da UnB. Orientaram a operacionalização do exame pelo CESPE/UnB, que daqui a trinta dias terá um de seus pontos de culminância. Subsidiaram a banca elaboradora da prova, em sua pesadíssima tarefa. Alimentaram as discussões semanais da comissão de acompanhamento do PAS.

Segundo depoimento de diretores de escolas particulares do DF, pela primeira vez debatem-se em conjunto projetos pedagógicos de cada uma, transmitem-se relatos de expe-



FRED LOBO

riências de sala de aula bem sucedidas e divulgam-se instrumentos de avaliação aplicados com sucesso. A FEDF desenvolve projetos-modelo em escolas situadas em cidades-satélites e organiza grupos de estudo entre seus professores, desmistificando, com tudo isso, a velha questão da baixa qualidade do ensino público. Notícias oficiais, mas não menos auspiciosas, indicam que estão praticamente vazios os "cursinhos preparatórios para o PAS".

Com a abertura do programa a estudantes de outros estados, criou-se

uma expectativa ruim: a de que se revertesse a diretriz de credenciamento da escola como requisito para a participação do candidato no programa. Com os candidatos do DF, todas as escolas aderiram formalmente ao PAS e, depois, foram abertas as inscrições aos seus alunos. Com a expansão dos limites "geográficos" do programa, a UnB teve de aceitar inscrições isoladas e passou a contar com a frustrante possibilidade de desvincular o resultado da aprendizagem, explicitado pelo desempenho do candidato na

prova, do processo de ensino, isto é, as condições físicas e as características do projeto pedagógico da escola. A grande surpresa foi a quebra da expectativa: todas as instituições a que se vinculam os candidatos já se credenciaram no PAS, o que significa, numericamente, 18.373 candidatos oriundos de 114 escolas do Distrito Federal e 5.987 inscrições de alunos de 211 escolas situadas em dezesseis estados brasileiros.

É evidente que chegam más notícias à comissão de acompanhamento do PAS: a escola X está mudando todos os seus currículos para "adequar-se ao PAS e garantir aprovação de seus alunos na UnB". A escola Y deixou de lado provas discursivas e outras formas de avaliação da aprendizagem, para trabalhar apenas com provas objetivas: "tipo UnB, em que uma resposta errada anula uma certa", a fim de "preparar seus alunos para as provas". Jornalistas indagam sobre a possibilidade de "homogeneização de conteúdos programáticos e práticas docentes" e sobre o "condicionamento da escola ao programa". Esses são os sinais da falta de entendimento dos pressupostos filosóficos a que nos referimos. O PAS é um projeto da UnB com a escola. Adequação, ajustamento, homogeneidade, condicionamento, reducionismo são itens inexistentes no léxico do PAS. A escola que reduz seus conteúdos programáticos erra. A escola que ignora que instrumentos de avaliação do processo de aprendizagem são diferentes dos de seleção de candidatos também se equivoca. Engana-se a escola em que só se aplicam provas objetivas: seus alunos serão incapazes de apreender e de compreender o mundo pela ainda insubstituível via da leitura e de descrevê-lo produzindo textos coerentes e inteligíveis, marcados pela reflexão e pela crítica.

Felizmente, é desproporcionalmente maior o número de escolas que captam com nitidez a única maneira de criar condições de sucesso de seus alunos no PAS: a preparação para a vida, seja com prosseguimento dos estudos, seja com a profissionalização; a formação da cidadania, por meio da compreensão do contexto social e que se pertence; a valorização da leitura, do raciocínio e de habilidades cognitivas e emocionais que contribuem para a aprendizagem de conteúdos significativos, a base para a produção do conhecimento. Por isso, a Universidade de Brasília sente reforçada a crença no resultado positivo que terá, em curto prazo, sua parceria com a escola de ensino médio.

■ João Cláudio Todorov é reitor da Universidade de Brasília (UnB) e Denise de Aragão Costa Martins é diretora do Centro de Acompanhamento e Desenvolvimento Educacional da UnB